



TRABALHO DE CONCLUSÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO LATU  
SENSU:  
**CAMINHADA COMO MÉTODO PARA A ARTE E EDUCAÇÃO**

TURMA 3\_2020/2022

**ENTRE A BEIRA, A BORDA E O LIMITE:  
CAMINHADA PARA CONTORNAR-SE  
ERALDO LEANDRO DE MORAES JUNIOR**

**CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO:  
PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> HONORIS CAUSA EDITH DERDYK**

**DIREÇÃO GERAL D'A CASA TOMBADA:  
PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> ÂNGELA CASTELO BRANCO TEIXEIRA  
PROF DR GIULIANO TIERNO DE SIQUEIRA**

SÃO PAULO  
2022

## RESUMO

Este trabalho configura-se em relato de viagem que se iniciou em 2014 e não tem prazo para terminar. Após anos vivendo na cidade de Belo Horizonte, e durante o isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, realizei uma caminhada de três dias a pé pela fronteira de Norte a Sul pelo lado Oeste da cidade de Belo Horizonte com as cidades da região metropolitana. Fui e voltei para contar como foram esses dias pelo contorno, no qual começa ou termina a cidade em que habito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Belo Horizonte; caminhada; contorno; fronteira.

## RESUMEN

El presente trabajo, se configura através del diário de viaje que comenzó en 2014 y que no tiene un plazo de termino. A lo largo de estos años viviendo en la ciudad de Belo Horizonte en el estado de Minas Gerais y durante el aislamiento social provocado por la pandemia del COVID-19, realicé una caminata de tres días, pasando por la frontera de norte a sur, en el lado Oeste de la ciudad de Belo Horizonte, pasando por los pequeños poblados ciudadanos de la región metropolitana. Fui y regresé para contar y relatar cómo fueron estos días por el contorno, que comienza y termina en la ciudad que vivo.

**PALABRAS CLAVE:** Belo Horizonte; caminata; contorno; frontera



**ENTRE A BEIRA,  
A BORDA E O LIMITE:**

**CAMINHAR PARA  
CONTORNAR-SE**

**ERALDO LEANDRO**



*Aos que cruzam fronteiras diariamente.*



## AGRADECIMENTOS

Todo esse caminho foi feito também com os pés da Ana Clara, Rodrigo, Camila, Rodolfo, Paulo, Isabela, Fátima, Guilherme, Pedro, Igor, Amanda, Ana Flávia, Camila Bonizeski, Érica, Fernanda, Nicolau, Renata, Edith, A Casa Tombada, Colégio Loyola, Amanda Lopes, Gabriel, Tage, Rose, Alexandra, Ana Rosa, Sebastião, Bruno, Michele, Josineide, Eraldo, Samy Lansky, Thereza Portes e Paulo Nazareth.

Obrigado por me emprestarem seus pés!



## EPÍGRAFE

*“Ninguém faz ideia de quem vem lá, de quem vem lá...”*  
*(Lenine)*

*“E entre o meu ir e o do sol, um aro, um elo.”*  
*(Caetano Veloso)*

*“Depois da estrada começa / Uma grande avenida  
no fim da avenida / Existe uma chance, uma sorte,  
uma nova saída.”*  
*(Rita Lee)*

*“Descansar a vista / Até onde a vista alcança.”*  
*(Céu)*

*“Já sei pra onde vou - eu vou sentir o calor da rua.”*  
*(Francisco El Hombre)*



# SUMÁRIO

Um prefácio-carta	
Toda caminhada começa pelo primeiro passo	
Alguns passos antes...	
Contorno/Fronteira	
Mapa/Território	
Caminho pelo mapa	
Rastros	
Bagagem	
Caminhada pelo caminho percorrido	
Primeiro dia de corpo no território	
Segundo dia de corpo no território	
Terceiro dia de corpo no território	
Depois do horizonte	
Referências/Ancstralidades	





## UM PREFÁCIO-CARTA

Eraldo,

Seu trabalho me conta de um desejo de mover-se do hábito para o habitar. Você clama pela cidade viva. Viva por querer encontrar os vivos que nela habitam. Viva porque ela, cidade, move-se, espalha-se nas direções possíveis, pelos campos não guardados pela montanha.

Caminhar pelo contorno me faz pensar num lápis, numa caneta, num pincel. Desenho do contorno. Estar no contorno é estar no dentro e no fora, buscar um lugar de simultâneo pertencimento e distanciamento que permita ver o que até então não se via.

Poder-se-ia pensar no contorno como separação, mas você parece querer contornar para conhecer o que ficaria de fora e, ao fazer isso, você dilui o contorno, denuncia-o como arbitrário, ultrapassado, inútil.

Quais muros nos separam? Quem constrói estes muros? Por que estão lá ainda quando não os enxergamos ou até mais cruelmente quando não os enxergamos? Quem deixamos de fora? Quem colocamos para dentro? Quais são as vozes que ficam de fora, que histórias contam, que experiências vivem?

Eu vejo um Eraldo que quer escutar, mais que falar. E vejo um Eraldo que, ao ter se colocado em contato com outras vozes para além dos muros, retorna com muito a dizer. Quero te ouvir.

Fernanda Tavares

(Aluna/Caminhante da Turma 3 da pós-graduação “Caminhada como método para arte e a educação”).



## TODA CAMINHADA COMEÇA PELO PRIMEIRO PASSO

Belo Horizonte, 19 de agosto de 2021.

Sala de Convivência do Colégio em que trabalho.

Eraldo: “Vou aproveitar nossa semana de folga em outubro para caminhar pelo verdadeiro contorno de BH e descobrir que cidade vai se revelar aos meus olhos.”

Rose: “Você vai com quem?”

Eraldo: “Sozinho.”

Rose: “Sei que você é corajoso, mas não faça isso, pode ser perigoso. Como mãe, algo me diz que você precisa de companhia.”

Mais tarde e sozinho, pergunto ao universo:

“Quem poderia me acompanhar nessa caminhada?”

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2021.

Em uma roda de amigos.

Eraldo: Estou planejando uma caminhada de alguns dias pelo contorno de Belo Horizonte com a região metropolitana.

Rodrigo: Que legal! Posso ir com você?

Eraldo: Claro, você já é um caminhante. A pessoa ideal para me acompanhar.

Rodrigo: Vou solicitar férias no trabalho e te dou o retorno.

Eraldo: Nossa caminhada acaba de começar!

Avenida  
do Contorno  
HMP 4EVER  
2275 a 2147

Rua  
Hermilio Alves  
22 a 94



## ALGUNS PASSOS ANTES...

Sempre gostei de ocupar a cidade caminhando. Essa prática começou em 2014, quando cheguei a Belo Horizonte, oriundo de São Paulo, para estudar Artes Plásticas. No princípio, caminhava com o desejo de economizar algum dinheiro destinado ao transporte e, ao longo do tempo, esse hábito foi se resignificando.

Em uma terra até então desconhecida, passei a gostar de andar. Eram caminhadas como flâneur, vivendo as derivações que uma cidade nova pode oferecer. Caminhava com o tempo para me perder e encontrar novos lugares.

Com o coração atravessado por saudades, por meio das caminhadas, constitui uma cartografia dos afetos que eram marcados por menires. Esses lugares proporcionaram re-visitar os pensamentos e recordar as pessoas queridas e as relações construídas em São Paulo.

Ao longo do tempo e com os passos dados, além da cidade nova, fui me reconhecendo através das reflexões vividas durante caminhadas solitárias e me encontrando nos espaços e criando afeto pelas paisagens. Caminhei para conhecer a cidade e para conhecer o meu novo eu entre as novas ruas.



livro

mente

CA  
MA

MUSICA

Olhar

asem

OLHOS

INTERTEN

JA  
EM  
LA

CA  
D  
EIRA



No início de 2019, matriculei-me no curso de pós-graduação “Caminhada como método para arte e educação”, oferecido por A Casa Tombada, em São Paulo. Eu estava muito empolgado em voltar para meu Estado de origem uma vez por mês para estudar sobre caminhada e arte. O primeiro encontro estava marcado para os dias 14 e 15/03/2020, mas nas vésperas foi cancelado pelo isolamento social causado pela epidemia da COVID-19. Os encontros da pós-graduação foram todos remotos.

Logo no início, fomos provocados a vivenciar várias proposições elaboradas pela Edith Derdyk e por outros professores convidados, usando nossas casas como espaço para caminhadas. Tinha acabado de mudar de casa e de bairro, ainda em processo de adaptação, outra vez, a caminhada me fez conhecer e pertencer ao espaço no qual passaria quase dois anos em isolamento.

Em algum momento do isolamento social, olhando para as paredes da minha casa, percebi que as janelas não davam conta de me apresentar Belo Horizonte e que aquela casa poderia ser e estar em qualquer cidade do mundo.

às várias provocações das aulas sobre cidade e caminhada, só aumentava o desejo por conhecer mais a cidade em que habito e pertencer a ela ainda mais.

Aliado às várias provocações das aulas sobre cidade e

Pos caminhada ——— 22/08

Olhar — 360°

Experiência Cartografica.



Lapis

BRUNA

• LIMITE — DENTRO DE UM  
ESPAÇO DELIMITADO. [VARANDA — BATER





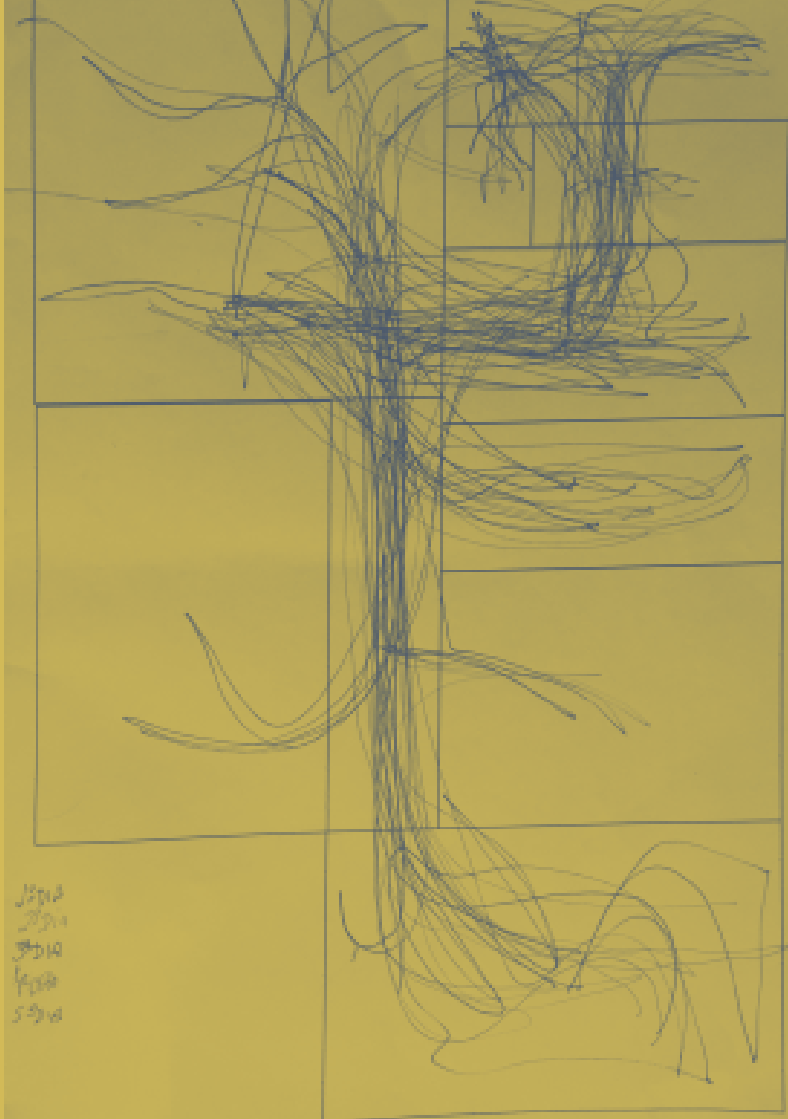
caminhada, só aumentava o desejo por conhecer mais a cidade em que habito e pertencer a ela ainda mais.

Cheio de vontade de caminhar pela cidade, planejo um roteiro pela fronteira de Belo Horizonte com a região metropolitana. Ainda no início, surgem alguns questionamentos:

Onde termina ou começa a cidade em que habito?

Como são as paisagens no verdadeiro contorno de Belo Horizonte?

Quem são as pessoas que habitam nessas paisagens?



18712  
27211  
37210  
47210  
57210

## CONTORNO/FRONTEIRA

Qual é o verdadeiro contorno de Belo Horizonte?

A cidade de Belo Horizonte foi planejada para se tornar a capital do estado de Minas Gerais, e a Avenida do Contorno (antiga Avenida 17 de Dezembro) foi construída para limitar a nova capital. Com o intenso desenvolvimento do século XX, a cidade foi se expandindo para além do espaço delimitado e, atualmente, a Avenida do Contorno é um pequeno recorte da região central urbana. No momento atual, a área da cidade é de 331,354 km<sup>2</sup>, fazendo fronteira com os municípios de Vespasiano, Ribeirão das Neves, Contagem, Ibirité, Brumadinho, Sabará e Santa Luzia.

O que a princípio seria a fronteira da cidade, dentro dos 11,86 quilômetros da Avenida do Contorno, atualmente encontra-se o maior número de museus, de teatros, o Parque Municipal, praças bem cuidadas e muitos edifícios comerciais. Seria esse o contorno do lazer e do trabalho? Quem são os belo-horizontinos que desfrutam do que existe dentro dessa região central?

Como um lugar de passagem e sempre frequentado em fragmentos, eu e meu amigo Rodrigo caminhamos no dia 06 de setembro de 2021 por toda avenida do Contorno,



desfrutando de uma caminhada experimental para apreciar e para analisar o tempo dos nossos passos. Entre subidas, descidas e muito tempo de pausa pelos semáforos, a Avenida se revelou nas mais variadas paisagens, desde bairros nobres com sombras dos edifícios, passando pelos bairros tradicionais com bares até o deserto da região central em um dia de emenda de feriado.

Andamos como caminhantes *stalkers* e provocados por Francesco Careri, que defende a importância do parar em uma caminhada, fomos ancorando nossos pés em pontos em que nossa atenção era despertada. Além das pausas para amarrar os cadarços do tênis, parávamos para observar os grafites, as fachadas das lojas e os acasos.

Ao terminar, ficamos satisfeitos com o tempo de quase três horas e meia e ansiosos para nossa próxima etapa: conhecer o atual contorno da cidade. Entretanto, sabíamos que não existia uma Avenida que delimita essa fronteira e precisaríamos encontrar uma forma de planejar nossas rotas.

Avenida  
do Contorno  
2275 a 2147

Rua  
Hermilio Alves  
22 a 94

Pça. da Es  
Pq. Muni  
Serraria 5  
Mus. Artes

EMPRÉSTIMO  
CARTÃO DE CREDITO  
PEGUE  
R\$ 1.000  
PARTE DE  
R\$ 100  
DINHEIRO  
NA HORA  
(31) 99985-6211

EMPRÉSTIMO  
CARTÃO DE CREDITO  
PEGUE  
R\$ 1.000  
PARTE DE  
R\$ 100  
DINHEIRO  
NA HORA  
(31) 99985-6211



## MAPA/TERRITÓRIO

“O que tem de mapa no território e o que tem de território em um mapa?” (Edith Derdyk)

## CAMINHO PELO MAPA

Em uma tarde, nos reunimos, a fim de estudar o mapa e traçar as rotas. Em princípio, a intenção era usar somente o Google Maps. Ao ampliar o mapa e encontrar as ruas, percebemos que ele não mostrava a fronteira da cidade. Sendo assim, usamos o mapa disponibilizado pela prefeitura de Belo Horizonte no site, mas não demorou muito e ele apresentou algumas inconformidades ao Google em relação a nomes distintos das ruas.

Descobrimos que ao leste da cidade, a fronteira estabelecida era a Serra do Curral e da Serra do Rola-Moça, o que dificultaria o nosso caminho. Então, optamos caminhar somente pelo lado leste, saindo do extremo norte com destino ao extremo sul do mapa de Belo Horizonte.

Por meio das coordenadas geográficas disponibilizadas no site da prefeitura, “caminhamos” pelo Google Maps rua por rua e esquina por esquina, conhecendo o nome das



Monte das Neves

Contagem

BELO HORIZONTE

Contagem

Nova Lima


Ibirité







e quais direções seguir. Sabíamos exatamente os números das vezes em que seguiríamos pela direita ou esquerda. Fizemos uma espécie de caminhada virtual, mesmo sem saber o que nos esperava e com a dúvida de como seria a geografia real representada pelo mapa, que até então, parecia tão igual.

Respeitando o limite do Google Maps, foram o total de sete rotas salvas e impressas para os três dias, totalizando 59 quilômetros. Foi nesse momento que traçamos os lugares de pouso para passarmos as noites: uma pousada no Bairro da Pampulha e uma comunidade religiosa no Bairro Betânia. Assim, articulamos nossas hospedagens para não precisarmos voltar para casa.

 Atenção cuidado. As rotas a pé nem sempre refletem as condições reais

## Av. Coletora Um, 362 - São Damião








Vespasiano - MG, 33203-042

-  1. Siga na direção norte na Av. Coletora Um em direção a Av. Um Pista  
170 m
-  2. Vire à esquerda na Av. Um Pista  
300 m

5 min (450 m)

## Av. Um Pista, 4 - São Damião


Vespasiano - MG, 33200-000

-  3. Siga na direção leste na Av. Um Pista em direção a R. A  
53 m
-  4. Vire à esquerda na R. G  
130 m
-  5. Vire à esquerda na R. H  
150 m
-  6. Vire à esquerda na R. I
-  7. Vire à esquerda na Av. Existente  
300 m
-  8. Vire à direita na R. Um  
650 m
-  9. Vire à esquerda na R. Mirtes de Pádua Faria  
170 m

20 min (1,5 km)

## R. Mirtes de Pádua Faria - Nova Pampulha

Vespasiano - MG, 33200-000

-  10. Siga na direção oeste na R. Mirtes de Pádua Faria em direção a R. Quinze

## RASTROS

Ainda no processo de planejamento, depois de um dia de trabalho, voltando para casa caminhando, paro no semáforo e me pego a observar a placa da Avenida do Contorno. Os pensamentos vão, mas aquela placa me puxa para uma ordem geográfica, e é inevitável a recordação de que o lugar, onde pisava naquele momento, já foi o limite da cidade, antiga periferia e atualmente bairro nobre. Então, pensei: “Será que as pessoas que vivem na fronteira de Belo Horizonte sabem que vivem também em um contorno?”.

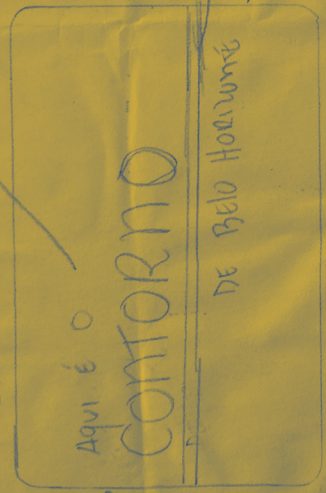
Inspirado em Jennifer Allora e Guillermo Calzadilla,<sup>1</sup> desenvolvo adesivos para deixar meus rastros, além do GPS, nas ruas por onde passaria. No Land Mark (2002), os artistas deixaram marcas de pegadas na areia com frases em solas de sapatos para protestar contra os exercícios militares da marinha norte-americana em Porto Rico.

Os adesivos desenvolvidos por mim seguem a estética das placas com nomes de ruas e de avenidas da cidade, só que com a frase: “Aqui é o Contorno de Belo Horizonte”. Foram colados a cada um quilômetro em lugares de ordem

1. Jennifer Allora (1974) e Guillermo Calzadilla (1971) são uma dupla de artistas visuais, vivem e trabalham em San Juan, Porto Rico.

Projeto  
Placa  
Adesivo

pequeno



FAIXA

DE BELO HORIZONTE

MUNDO  
VIA

19/01/61

154-161

como postes, placas e sinalizações e registrados pelas coordenadas geográficas no GPS. A intervenção realizada, além de deixar nossos rastros, como as migalhas de pão da história de João e Maria, é capaz de propor uma fabulação para pessoas que leriam e talvez questionassem quem deixara aquele adesivo que não possuía nenhuma propaganda.

De capacidade efêmera, como o rastro de água do bloco de gelo arrastado pelo artista Francis Alÿs nas ruas da Cidade do México, na performance *Sometimes Making Something Leads to Nothing*, em 1997, os adesivos colados devem já ter desaparecido da paisagem devido às fortes chuvas de verão que afetaram todo o estado de Minas Gerais. Porém, ao percorrer os caminhos traçados e com as poucas interações, os habitantes do contorno demonstraram saber que vivem na fronteira, não necessitando de uma ordem geográfica (adesivos) coladas para se lembrarem.



## BAGAGEM

Mesmo com todos os planejamentos e a caminhada virtual, foi ao preparar a bagagem que senti que a caminhada já estava acontecendo. A previsão do tempo para os dias era de chuva. Sendo assim, além de roupas leves e o tênis já bastante usado, precisei acomodar na mochila capa de chuva e sacos plásticos para os pés.

Com o desejo de escrever durante a caminhada, carreguei três cadernos, sendo um com todas as rotas coladas, além de lápis, canetas, borracha, estilete e cola. Uma máquina fotográfica foi levada para dar conta de alguns registros visuais dos passos. Também transportamos carregadores para alimentar os eletrônicos.

Não podiam faltar máscaras e álcool em gel, afinal foi uma caminhada durante a pandemia. Os adesivos da intervenção dividiram o espaço com os artigos de higiene pessoal, documentos e chocolates.





Comprender la cultura de un país es un reto. Pero si se hace con respeto y curiosidad, puede ser una experiencia muy enriquecedora. En este viaje, vamos a descubrir los secretos de la cultura de un país y a aprender a comunicarnos con ellos. ¡Vamos a descubrirlo!

Aquí & O  
**Contorno**  
De Belle Horizonte

Quechua  
**PONCHO**  
**ARPENAZ IOL**  
**57CM**  
**10CM**  
2-74.8 inch

100% POLYESTER  
100% COTON

siqi



## CAMINHADA PELO CAMINHO PERCORRIDO

Ao comentar sobre a caminhada planejada, muitas pessoas manifestaram o interesse de nos acompanhar de alguma forma. Inspirei-me no Projeto Rádiodochila, do artista Rodrigo Paglieri, que transmite seus caminhos por uma estação de rádio. Assim, criei um grupo no WhatsApp para as pessoas acompanharem nossos passos em tempo real por meio do compartilhamento da localização.

Os participantes do grupo eram os colegas da pós-graduação, familiares e amigos que se interessaram pela caminhada. Os integrantes foram convidados poucas horas antes de começar por um link e, ao entrar no grupo, eram recebidos por um texto de apresentação, um vídeo do caderno com as rotas no mapa e provocados a interagir no grupo quando acessarem-no. No início de cada dia, os participantes eram saudados e, ao longo da caminhada, disponibilizamos algumas fotos, com algumas partilhas das experiências vividas.



**-19|-20/-43|-44**

Grupo · 24 participantes



Ligar



Vídeo



Pesquisar

Caminhada pelos limítrofes do extremo norte ao extremo sul pelo oeste de Belo Horizonte.



## PRIMEIRO DIA DE CORPO NO TERRITÓRIO

O dia amanheceu com muita chuva, daquelas fortes. Passei na padaria e fui até a casa do Rodrigo. No café da manhã, decidimos por fazer o percurso até o ponto inicial da caminhada de metrô e Uber. Saímos de casa já com capas de chuva e sacolas plásticas entre as meias e os tênis. No metrô, tiramos a capa e as colocamos outra vez ao sair da estação Vilarinho e fomos de capa até o ponto de ônibus para chamar o Uber. Ao entrar no carro, outra vez tiramos a capa, mas os tênis já estavam molhados.

Sempre no início de uma caminhada, é recorrente aquela dúvida se todo o planejamento será executado. No carro, olhando os tênis molhados, janelas fechadas e segurando uma capa encharcada, penso em talvez voltar e deixar para um outro dia de sol, mas o desejo de viver o acaso é maior. Mantenho o pensamento que seria uma experiência também significativa na chuva.

Chegamos à Avenida Coletora, uma praça vazia e nosso ponto inicial. Liguei o satélite do grupo do WhatsApp e avisamos sobre o início da caminhada. Colamos o primeiro adesivo e seguimos o caminho, curiosos para ver as paisagens que se revelariam.



Não demorou muito e logo percebemos quadras e parques públicos. Saímos de uma rua asfaltada para uma trilha, passando pelo quintal de uma casa com roupas de varal e galinhas. Pela rota, deveríamos atravessar uma área verde, talvez de pasto, com uma cerca de arame. Passamos por baixo, escorreguei no barro e cortei a mão.

Nesse enorme campo verde, avistávamos os prédios da Cidade Administrativa, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Estávamos na cidade, dentro de uma espécie de trilha. Depois de alguns minutos caminhando, somos abordados por um senhor que esperava um Geraldo. Contamos que estávamos caminhando pela fronteira. Ele contou que estávamos no caminho certo, pois aquela era a divisa da cidade, e ele se apresentou como o caseiro daquela propriedade privada.

Após esse campo verde, saímos em uma rua de concreto e seguimos caminhos debaixo de chuva. Entre subidas e descidas, paramos em um sacolão e compramos algumas frutas para comer. Esse sacolão estava no alto de uma colina, lembro muito bem da vista, um horizonte cheio de casas. As ruas estavam vazias. Em uma descida, encontramos uma senhora subindo e, ao nos encontrar, para, respira, reclama da ladeira e conta algo sobre o posto de saúde. A chuva dá uma trégua, e começamos a notar pessoas às portas das



casas e nos comprimentavam pelo movimento da cabeça.

Chegamos a uma avenida bem movimentada, com várias lojas, ponto de ônibus e pessoas transitando com sacolas e guarda-chuva. Vestidos com capas de chuva, chamávamos atenção, e percebi algumas pessoas nos olhando. Depois de ruas movimentadas, a caminhada seguiu por ruas vazias. Uma casa me chama atenção: toda fachada com uma paisagem praiana arborizada. De repente, abre-se o portão para um carro entrar e consigo espiar dentro da casa: um quintal com muitas plantas! Fiquei imaginando a personalidade das pessoas que vivem ali.

No primeiro dia, observamos muitas casas com muitas plantas nas varandas e um número grande de bananeiras no quintal. Rodrigo me conta que uma vez ouviu falar que existe uma lenda de que a bananeira deixa o solo mais seguro e talvez isso justificasse o número das plantas. Paramos para almoçar em uma avenida movimentada, em Venda Nova, e depois do café seguimos caminho, ainda debaixo de chuva. Um dos planos era fazer registros (desenho e escrita) no caderno durante a caminhada, mas a chuva acabou com esse plano. Assim, seguir o registro pela câmera e confiar na lembrança foi a alternativa possível.

Até então, toda paisagem dos caminhos percorridos era composta por casas simples e um grande volume de





construções. Ao chegarmos na região da Pampulha, percebemos muitos terrenos cercados sem construções e muros altos com mansões dentro. Já estávamos no fim da tarde e fomos até a frente do Zoológico. Pegamos um Uber até a pousada, que ficava na mesma região. Ali, arrumamos uma forma de deixar as capas e os tênis secando e pedimos comida para o jantar. Partilhamos um pouco a experiência do primeiro dia, tentei fazer algum registro no caderno, porém, sem sucesso. Parecia que ainda não tinha reverberado o primeiro dia. Antes das 20hs, já estávamos dormindo.



## SEGUNDO DIA DE CORPO NO TERRITÓRIO

Com o corpo um pouco dolorido, despertamos ainda cedo. Arrumamos nossas mochilas, tomamos café da manhã, deixamos a pousada de Uber e fomos até o ponto em que paramos no dia anterior. Nos primeiros minutos de caminhada, tudo tranquilo, com muitos muros altos e calçadas bem pavimentadas.

Ao virarmos a primeira esquina, entramos em uma rua sem asfalto e, para nossa surpresa, vários cachorros estavam deitados ali. De alguma forma, não tinham caras amigáveis. Ficamos com medo de passar. Então, decidimos tentar um desvio de rota. Olhamos no aplicativo, mas não era possível, pois era uma área sem quadras definidas. Com olhos aflitos, esperamos um pouco para observar os cachorros, e não demorou muito até aparecer uma pessoa que passa pelos bichos e nada acontece. Fizemos o mesmo, e os cachorros nem se levantaram, continuaram deitados.

Caminhamos por várias casas com bananeiras no quintal em um dia de sol. Paramos para comprar água. Em um grande percurso, aproveitamos a sombra do muro do Zoológico da cidade e surpreendentemente passamos por muitas praças e quadras públicas. Depois de muitas subidas,



fomos presenteados por uma vista linda da cidade, entre casas e prédios, sendo a linha do horizonte a serra. Por ali ficamos alguns minutos, vendo o que todo o dia seria a divisa de Belo Horizonte com Contagem.

Era Dia das Crianças, por isso encontramos muitas ruas fechadas com brinquedos infláveis, barracas de pipocas, algodão doce e caixas de som com músicas infantis. Crianças ocupavam as ruas com supervisão de adultos que aproveitaram para interagir com seus vizinhos.

Ao contrário do primeiro dia, houve muita mudança de paisagem. A cada esquina, uma nova cidade se revelava. Passamos por bairros planejados, por condomínios de casas e de prédios, por empresas, por comércios, por casas simples e por lugares públicos de lazer.

Sinto o corpo mais leve, sem a preocupação da chuva, e parece que estou mais acostumado a caminhar. É o momento que só há uma coisa para se fazer: caminhar. A mente já se entrega para as surpresas que podem aparecer e abre o campo das reflexões. Desde então, vivo a caminhada em estado meditativo.

Passando por uma rua de calçada estreita e um pequeno comércio, por algum momento, revisitando a memória, parece que estou em Antigua, na Guatemala. Em seguida, Rodrigo me conta que se lembrou, por causa de algum cheiro,



de uma viagem que fez para Oaxaca, no México. Uma paisagem em Belo Horizonte tem o poder de nos transportar por sentidos diferentes a duas cidades da América Latina.

Ainda atravessado com essa coincidência, paramos para amarrar o tênis. Pego-me observando uma casa de esquina com paredes amarelas e pergunto-me: “essa casa pode estar em qualquer lugar do mundo... o que na paisagem mostra que estamos em Belo Horizonte?”. Observando atentamente, encontro o elemento orientador pela sacola do supermercado BH e percebo que a localização nesse mundo globalizado se apresenta nas sutilezas.

Já próximo do horário do almoço, passo por uma rua e me lembro de já ter passado por aquele local para visitar um ex-professor e amigo, Sebastião Miguel. Peço a Rodrigo para conferir a localização. Voltamos algumas casas e encontramos a casa do Miguel.

Toco a campainha com dúvida, e somos recebidos pelo Miguel, que, surpreso, nos convida para almoçar. Durante a refeição, conversamos sobre a fronteira e ele conta as dificuldades de viver ali, como problemas com correios e posto de saúde para se vacinar. Depois do almoço, ele mostra seu ateliê e as pinturas feitas durante o isolamento, e nos despedimos para seguir caminho.







Não demorou muito, subindo uma ladeira íngreme para atravessar o Anel Rodoviário, somos abordados por umas pessoas na frente de um pequeno bar. Contamos que estávamos caminhando na divisa, e começaram a nos contar que do outro lado da rua era a cidade de Contagem, mas que eles estavam do lado de Belo Horizonte, e as dificuldades com as burocracias das prefeituras por viver na fronteira. Aproveito a parada para ir ao banheiro, e eles perguntam nossos nomes e dizem que, se alguém nos procurar, eles iriam falar que por ali passamos.

Depois da aventura de atravessar o Anel Rodoviário pela pista, seguimos caminho por ruas largas e arborizadas. Com muito calor, paramos para tomar um sorvete em uma praça. Ao seguir caminho, chegamos próximo da estação de metrô Eldorado, de shopping e de grandes lojas. Um grande movimento de pessoas e de carro, que foi interrompido somente ao entrarmos em uma rua deserta de fábricas. Por causa do feriado, tinha pouco movimento.

O dia termina. Estávamos caminhando em um bairro industrial e pedimos um uber até a Comunidade Missionária de Villaregia, uma comunidade religiosa. Jantamos com alguns amigos e, antes de dormir, percebo que estou fazendo uma grande viagem pela cidade em que habito.



## TERCEIRO DIA DE CORPO NO TERRITÓRIO

Já em estado de caminhada, o despertar foi mais fácil. A alegria de começar o último dia se confirmou ao abrir a janela e me deparar com o sol e um tempo aberto. Tomamos café da manhã e fomos até o ponto onde paramos no dia anterior.

Metade da manhã foi uma caminhada por vias movimentadas de carros, comércios, indústrias e vários cruzamentos nas calçadas com os pedestres. Era uma quarta-feira, e as pessoas estavam voltando à rotina depois do feriado prolongado. Todo esse cenário agitado muda radicalmente depois de virar duas ou três esquinas. Caminhamos entre um muro da linha de trem ao lado direito e casas ao lado esquerdo. Uma paisagem tranquila e, por vezes, assustadora. Estávamos sozinhos e não havia movimento.

Já próximos do fim da manhã e com o clima muito quente, avistamos uma ladeira enorme, grande em extensão e em altura. Paramos e partilhamos o quanto seria difícil subí-la, não acreditando no que estava por vir. Rodrigo conferiu a rota e o mapa, atestando que não devíamos subir aquela rua e, sim, uma antes. Voltamos alguns passos, felizes por evitar o caminho íngreme, e pegamos o caminho certo.



Rodrigo tinha uma reunião importante de trabalho nesse último dia. Então, combinamos uma parada na casa de uns amigos em comum, Michelle e Bruno, para que ele participasse dessa reunião online. Próximo do horário, pegamos um Uber e fomos até a casa deles ali perto. Enquanto Rodrigo participava da reunião, fiquei conversando sobre a caminhada com Michele e Bruno que nos ofereceram um almoço.

Após a refeição, pegamos um Uber e fomos até o local em que paramos e continuamos caminhando. Foi o momento em que achei os lugares mais diferentes de Belo Horizonte. Parecia que estava em alguma cidade do interior de Minas Gerais. As pessoas, aparentemente mais calmas, conversavam nas calçadas. As lojas eram diferentes das que encontramos pelo caminho, além de anúncios de internet com empresas regionais.

A última rota foi feita por muitas ruas e várias esquinas. O tempo parecia estar em descompasso com nossos passos. Passava muito rápido e ainda tínhamos muito para caminhar. O corpo estava cansado, e não conseguíamos andar mais rápido. Subindo uma ladeira, foi o momento quando o corpo pediu pouso pela primeira vez. Mesmo um pouco atrasados, paramos para descansar em uma calçada.



O outro lado da margem desse ponto da viagem era a serra do Rola-Moça. Em alguns momentos, conseguíamos avistá-la em nosso horizonte, mas, ao virar a esquina, ela desaparecia ou parecia mais longe. Um jogo de aproxima e distancia. Se não fosse a rota no mapa, parecia que estávamos perdidos e nunca chegaríamos.

Em vários momentos, ficamos surpresos pelos contrastes, às vezes pelas simplicidades, das infra estruturas das casas e das ruas e até mesmo uma padaria nos chamou a atenção, devido a seu enorme tamanho e estrutura luxuosa. Alguns passos além, nos deparamos com uma ponte que une duas escolas, uma em cada cidade diferente.

Entre subidas e descidas, sabíamos que próximo do ponto de chegada havia uma cachoeira e estávamos curiosos para conhecê-la. Na beira do último morro íngreme, fizemos um pequeno desvio para conhecer essa queda d'água e seguir caminho. No meio da avenida, uma placa marcava a inauguração daquela via há anos, com o nome do prefeito da época. Questionamos se o atual prefeito de Belo Horizonte conhecia aquele lugar e o que de cidade um prefeito precisa conhecer para pensar nas políticas públicas.

Chegando no topo do morro. Avistamos uma entrada







chegada. Depois de alguns minutos dentro do parque, chamamos um Uber e retornamos à casa de Bruno e Michele, onde deixamos alguns pertences na hora do almoço.

No café da tarde, contamos para eles um pouco sobre a experiência em clima de missão cumprida e de alegria. Estávamos felizes e orgulhosos. Na hora de voltar para casa, pedimos um uber até a residência do Rodrigo e adicionamos uma parada no meu lar. Ao chegar em casa, tive a impressão de que tinha feito uma enorme e incrível viagem por terras desconhecidas. Tentei escrever, mas as emoções e o cansaço não me deixaram concentrar.



## DEPOIS DO HORIZONTE

Já em minha casa, além do sentimento de missão cumprida, uma enorme euforia me tomava. Como nunca, sentia a cidade pulsando no meu corpo. Tive que orquestrar o desejo latente de continuar caminhando, de conversar sobre a cidade e de aumentar a minha noção de Belo Horizonte.

Os dias após a caminhada foram de organizar os registros visuais e de entender algumas frustrações por não ter escrito e desenhado nada durante a caminhada e a pouca interação com os habitantes. Ao menos para sanar esse último aspecto, pensei em enviar uma carta e fazer contato com os moradores para continuar refletindo como o espaço impacta na convivência com o outro e com a cidade. Assim, escrevi uma carta em que me apresentei, contei sobre a caminhada e incluí a seguinte pergunta: “o que você(s) mais gosta(m) de fazer em seu bairro?”. Para possíveis respostas, deixei meu endereço, telefone e e-mail.

Para escolher os endereços para enviar as cartas, precisei fazer uma outra caminhada virtual. Usando o Google Maps e as rotas da caminhada, fui selecionando aleatoriamente casas e usei a imagem de satélite para pegar o número da residência. Foram trinta e cinco endereços, contemplando todo o caminho percorrido.



Das trinta e cinco cartas enviadas, quatro cartas voltaram como endereço não existente e uma pessoa respondeu via WhatsApp. Maria das Graças, moradora do bairro Novo Progresso entre Contagem e Belo Horizonte. Ela me conta que gosta de frequentar um baile de dança organizado pela organização dos amigos dos bairros, mas que, com o isolamento social, estava pintando panos de prato para se distrair. Ainda existe um convite suspenso para ir até o baile.

Até o presente momento, essa resposta. Tal como uma garrafa jogada ao mar, penso que as pessoas que receberam e leram a pergunta puderam refletir sobre o que mais gostam de fazer e sobre como fazer contato com uma outra pessoa que deseja conversar no seu bairro. Continuo aguardando possíveis contatos.

Paralelamente ao envio das cartas, sentia que precisava descrever toda a caminhada, já que não o havia feito durante o processo. Contudo, não conseguia organizar as palavras em um texto. Paulatinamente, fui lembrando de alguns pontos específicos e voltou o desejo de descrevê-los. Então, criei textos que se chamam paisagens, nos quais escrevo sobre os lugares que me chegaram nas lembranças e crio textos misturando proposições e descrição. Foi um processo de crítica muito prazeroso e desafiador, em um mundo de tantas imagens, como descrever um quadro a partir de uma

Belo Horizonte, 22 de outubro de 2021

Olá,  
Com sua licença.

Sou Eraldo Leandro, tenho 26 anos e sou professor de arte e pesquisador. Nasci em São Paulo e cheguei em Belo Horizonte no ano de 2014 para estudar artes plásticas, por aqui fiquei e adoro estudar e pensar sobre BH.

Entre os dias 11, 12 e 13/10, eu e um amigo, o Rodrigo, caminhamos pelas ruas que são fronteiras de Belo Horizonte com as cidades da região metropolitana (Vespasiano, Ribeirão das Neves, Contagem e Ibirité) com o objetivo de conhecer o verdadeiro contorno de nossa cidade. No futuro irei apresentar como um trabalho artístico para uma pós-graduação de arte que concluo no fim do ano.

Foram dias lindos de caminhada, passamos na frente de sua residência. Conversamos com poucos moradores durante o percurso e voltei para casa com o desejo de conhecer as pessoas que passei caminhando em suas ruas e entender como é a vida no bairro.

Refletindo como o espaço impacta na nossa convivência com a cidade gostaria de saber dos moradores de sua residência: O que você(s) mais gosta(m) de fazer em seu bairro?

Sinta-se livre para me responder essa carta (endereço no envelope) com desenhos, escrita ou até uma mensagem pelo whatsapp ou email.

Email: [Junioreraldo15@gmail.com](mailto:Junioreraldo15@gmail.com)  
Telefone: (31)99451-3068

Grande abraço.  
Eraldo.



lembrança.

Caminhar por terras desconhecidas é viver a surpresa ao virar cada esquina. Durante a caminhada, a cidade foi se revelando aos meus olhos de formas bem distintas. Em vários momentos, comentei com Rodrigo: “ao virar cada esquina, uma nova cidade se revela.” Essas cidades se revelavam por meio das arquiteturas simples e sofisticadas, por áreas rurais e urbanas, por sons distintos e por ruas movimentadas e desérticas.

Algumas imagens registradas pela GoPro apresentam a pluralidade de paisagens de uma mesma cidade. Ao observá-las, desenvolvi um objeto referente a cada dia da caminhada: uma folha A4 com trinta e duas imagens impressas que, dobradas e com três recortes, podem gerar muitas combinações da cidade.

Fui, vivi e ao voltar sabia que precisava contar como foi toda a caminhada. Antes dessas páginas de relato, queria apresentar as reverberações e tornar essa apresentação acessível, para que chegassem aos contornos de Belo Horizonte. Criei um site, para expor registros e talvez levar os visitantes a algum ponto da caminhada. O site é composto por vídeos com imagens da caminhada, com o mapa marcado pelos pontos onde os adesivos foram colados durante a caminhada, com áudios de belo-horizontinos lendo, dando corpo e





voz aos textos/paisagens que escrevi, e com os vídeos de pessoas manuseando o objeto “Esquina/Dobra” com imagens dos caminhos percorridos.

Essa caminhada não terminou. Não tenho a pretensão de terminá-la com esse trabalho. Para além das reverberações estéticas, em palavras e textos, ela toda proporcionou-me um novo contorno, ampliou minha noção de cidade, de suas pluralidades e de um pertencimento que não imaginaria ser possível.

Além disso, uma cena/lembrança da caminhada ainda me visita...Não sei ao certo o dia, mas foi o segundo ou terceiro. Na frente de duas casas, onde as portas dão diretamente à calçada, havia dois homens de camiseta, bermuda e sandália, sentados, cada um ocupando o degrau de uma porta. Conversavam, olhando para a rua e dividindo um pote com pipoca que os alimentavam.

Quero viver em uma cidade onde os encontros com pessoas queridas deixem de ser um evento e passem a ser corriqueiros. Vamos comer pipoca e observar a cidade?

PONTO  
DA  
ESPERAN  
ÇA



ESSA CAMINHADA CONTINUA....



[bhcontornos.com](http://bhcontornos.com)

## BIBLIOGRAFIA / ANCESTRALIDADES

- CALVINO, Italo. As cidades invisíveis\_ São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CARERI, Francesco\_ Caminhar e parar\_ São Paulo: Gustavo Gili, 2017.
- \_\_\_\_\_ Walkscapes: o caminhar como prática estética\_ São Paulo: Gustavo Gili, 2013.
- CAUQUELIN, Anne\_ A invenção da paisagem\_ São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COVERLEY, Merlin \_ A arte de caminhar: o escritor como caminhante\_ São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2014.
- COWAN, James. O sonho do cartógrafo: Meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do século XVI\_ Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- HOFER, Reneto\_ Hoférweg: ou o jeito mais difícil de ir de Praga a Paris\_ São Paulo: Equador, 2019.
- KLINK, Amyr \_ Cem dias entre céu e mar\_ São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- MUNDO, Vaga\_ Grand-tour\_ Bragança Paulista: Hecatombe, 2021.
- VISCONTI, Jacopo Crivelli \_ Novas Derivas\_ São Paulo: Martins Fontes, 2014.